

O MINISTÉRIO DA PRESENÇA

Quando uma comunidade já não pode fazer, pode ainda ser?

Reflexões da Encruzilhada

Transformação, Liderança e Vida Religiosa

REFLEXÃO N.º 4 · SETEMBRO DE 2026



Em janeiro, o Dicastério para os Institutos de Vida Consagrada enviou aos religiosos do mundo inteiro uma mensagem intitulada “Profecia da Presença”. Ela nomeava os lugares onde a dignidade é ferida e a fé é posta à prova: o conflito, a migração forçada, a pobreza, a violência e a fragilidade institucional. Em seguida, sem aviso, acrescentou as sociedades prósperas, onde “o bem-estar convive com a solidão, a polarização, novas formas de pobreza e a indiferença”. Roma não estava traçando a linha que se costuma traçar — territórios de missão de um lado, igrejas confortáveis do outro. A mesma vocação, dizia ela, é pedida a uns e a outros.

Essa vocação, na palavra do próprio Dicastério, era “permanecer” — ficar onde se está em vez de se retirar, quando retirar-se seria mais fácil e ninguém o culparia por isso. Mas permanecer diz apenas onde a pessoa está; não diz nada sobre o que acontece depois que ela está lá. Uma comunidade pode permanecer por décadas e ainda assim estar ausente de si mesma — tecnicamente presente, mas, no mais, ida. A palavra que Roma buscou no título, mas nunca abriu, é *presença*: não um lugar, mas uma prática, algo que pode ser aprendido, exercitado e, com a mesma facilidade, negligenciado. É com essa questão que esta reflexão pretende se sentar — não se uma comunidade permanece, mas se aquilo que ela chama de presença é uma disciplina de fato praticada, ou apenas o rótulo que sobrou depois que todo o resto parou.

QUANDO OS EDIFÍCIOS TRAZIAM SEUS NOMES

Durante um século e meio, a vida religiosa na América do Norte e na Europa respondia à pergunta quem são vocês apontando para o que havia construído: escolas, hospitais, orfanatos, faculdades, clínicas, organismos e academias. A resposta estava nos edifícios, e os edifícios traziam seus nomes.

Esses edifícios estão indo, ou já se foram, ou hoje são governados por conselhos administrativos com uma declaração de missão e uma fotografia do fundador no saguão. A transferência da mantenedora costuma ser a decisão certa, e bem tomada. É também um luto — e é, com frequência, processada como uma transação.

Assim, uma comunidade que um dia sabia exatamente quem era entra num Capítulo e faz uma pergunta que mal suporta dizer em voz alta. *Se não estamos fazendo, somos alguma coisa?*

Já vi essa pergunta pousar numa sala e sugar todo o ar dela. Também já vi comunidades respondê-la depressa demais, o que é pior.

A RESPOSTA QUE BUSCAMOS DEPRESSA DEMAIS

A resposta barata é que a presença basta — dita num tom que quer dizer que deixamos de esperar qualquer coisa de nós mesmos. Já vi “ministério da presença” e “ministério da oração” funcionarem como nomes dignos para uma desistência silenciosa. Nem sempre. Nem sequer na maioria das vezes. Mas com frequência suficiente para que não finjamos o contrário, e com frequência suficiente para que os membros percebam a diferença muito antes que a liderança a nomeie.

As comunidades aprenderam a falar de uma passagem do fazer ao ser, e há algo de real por trás dessa expressão. Mas, quando a ouço, às vezes pergunto, não de todo inocentemente: afinal, o que é que um ser faz todos os dias? A pergunta não pretende ser espertinha. Se não conseguimos respondê-la — se ser não significar nada mais específico do que continuar existindo dentro do prédio —, então não descrevemos uma vocação. Descrevemos um censo.

A questão não é se a presença conta. É se aquilo que estamos chamando de presença é uma prática, ou simplesmente o que restou depois que as práticas cessaram.

Não é uma distinção confortável, e não é uma distinção que alguém de fora possa fazer por uma comunidade. Ela tem de ser feita com honestidade, de dentro. Mas pode ser feita, porque presença não é uma atmosfera espiritual vaga. Tem uma definição, uma disciplina e um conjunto de habilidades — e, se vai ser reivindicada como ministério, é bom sabermos o que estamos reivindicando.

O QUE A PRESENÇA É, DE FATO

Há alguns anos, Beth Lipsmeyer Dunn, minha esposa e parceira, e eu escrevemos um livro sobre as habilidades de conversação que tornam a comunidade possível, e colocamos a presença no centro dele — a pedra angular, como a chamamos, sem a qual nenhuma das outras habilidades importaria. Conversas que esperamos que sejam significativas ficam ocas, a menos que estejamos genuinamente presentes uns aos outros.

A definição a que chegamos se sustentou: presença é a qualidade de estar com os outros de tal maneira que os banhe com toda a sua atenção. É a capacidade de escutar como se fosse a primeira vez, de abrir mão da necessidade de controle e deixar-se arrebatar pela admiração e pelo assombro. Ela se demonstra em comportamento, por meio de uma qualidade física e emocional de estar com o outro que comunica caridade, curiosidade, respeito, envolvimento e parceria.

Repare no que essa definição recusa. Ela não deixa que a presença seja apenas um sentimento, ou uma intenção, ou um modo de dizer que ainda estamos aqui. A presença é dom, trabalho de amor e habilidade, tudo junto. Dom, porque é dada, e não fabricada. Trabalho de amor, porque custa alguma coisa — é, defendemos nós, uma forma de ascese, e uma disciplina que a maioria de nós deixa de exercer. E habilidade, porque pode ser aprendida, praticada, aprimorada e negligenciada como qualquer outra.

Negligenciada é a palavra-chave. Os relacionamentos são como um jardim: pare de capinar e de regar, e ele morre. As comunidades raramente destroem sua vida comum por alguma incompatibilidade dramática. Elas a perdem por negligência benigna — e há muito penso que, se as pessoas dedicassem a nutrir os relacionamentos na comunidade um décimo do tempo que dedicam ao seu ministério, isso mudaria tudo.

Margaret Wheatley descreve a disciplina com exatidão: ser testemunha é a prática simples de ter coragem bastante para sentar-se junto ao sofrimento humano, reconhecê-lo pelo que ele é, não fugir dele, sentando-se com paciência ao lado de alguém que preferiríamos evitar. É essa última oração que separa uma prática de uma pose. Qualquer um consegue estar presente às pessoas de quem gosta.

É por isso que a linguagem da presença dá errado tantas vezes, em comunidade após comunidade. Não porque a presença seja uma vocação fraca, mas porque a palavra é assumida sem a disciplina que ela exige. Uma congregação que nunca aprendeu a escutar sem se defender, que não consegue sentar-se junto à angústia de outro membro, que classifica as pessoas e as deixa com uma reputação construída décadas atrás, não vai se tornar um ministério de presença por anunciar que é.

NORMA

Deixem-me contar o caso mais completo de presença que já testemunhei, porque ele responde justamente à pergunta que a sala do Capítulo não consegue responder: *se não estamos fazendo, somos alguma coisa?*

A irmã de Beth, Norma Lipsmeyer, era Irmã da Misericórdia. Quando se aproximava de seus últimos dias, com câncer de ovário, reuniu a família para o que chamava de sua “festa do encontro com Jesus”. Estávamos facilitando um Capítulo em Oregon naquela ocasião. Deixamos o Capítulo e chegamos no dia seguinte à residência das Irmãs da Misericórdia em Fort Smith, Arkansas.

Norma não podia fazer nada. Não lhe restava ministério a exercer, instituição a administrar, plano a oferecer a quem quer que fosse. Uma retenção grave de líquidos tornara insuportável qualquer roupa, e assim ela estava deitada, sem constrangimento, nua como no dia em que nasceu, recebendo cada pessoa em sua festa com gratidão e amor. Quando entramos, seus olhos encontraram os nossos e ela sorriu, dizendo: “Obrigada por virem”.

Ela passou um tempo com cada um de nós. Não importava quem mais estivesse no quarto: era como se não houvesse mais ninguém ali. Disse a cada um de nós por que nos amava e como tínhamos sido uma dívida para ela. Estava tão inteiramente presente, do seu jeito amoroso, que não podíamos senão ser atraídos a ela do mesmo modo. Os relógios e calendários que de ordinário nos cutucam pela vida afora não tinham a menor importância. Dor e riso, lágrimas e sorrisos, luto e gratidão, silêncio e conversa conviviam confortavelmente lado a lado, e em tudo aquilo Jesus não parava de dizer: “É claro”. Vida e morte estavam lado a lado, e tudo era aceitável.

Quero tomar cuidado para não deixar isso mais bonito do que foi. Norma não queria morrer. Não queria nos deixar. Tinha tanto medo da morte quanto qualquer um de nós, e ser Irmã da Misericórdia não a tornava imune a ser humana — não se acanhava em expressar sua angústia e, quando o fazia, nós a sentíamos como se fosse nossa. O que testemunhamos ao lado dessa angústia foi sua aceitação total da verdade, um amor que não conhecia limites e uma fé mais forte que a da maioria. Ficamos tomados e transformados por sua presença assombrosa, enquanto ela e Jesus nos amavam através de tudo aquilo.

Essa é a resposta à pergunta que a sala do Capítulo tem medo de fazer. Norma não tinha mais nada a fazer, e era a coisa mais poderosa daquela casa.

A presença não era o que sobrou depois que o ministério dela acabou. A presença era o ministério.

Pouco antes, ela havia escrito uma pergunta em seu diário: “Há alguma coisa a que eu me apegaria, em vez de deixar que Deus a usasse para a construção do Reino de Deus? Minha própria vontade? A autodeterminação? Meu direito de escolher?” Nunca conversamos com ela sobre essas palavras. Não foi preciso. Nós a tínhamos visto respondê-las.

NINGUÉM SE SENTA DEBAIXO DE UMA ÁRVORE QUE ESTÁ MORRENDO

Escrevendo este ano aos superiores maiores da África e de Madagascar, a Ir. Simona Brambilla ofereceu uma imagem de que não consegui me desfazer. Falou da vida consagrada como uma árvore sagrada — em muitos contextos africanos, um lugar que oferece abrigo e encontro ao longo do caminho, onde as próprias partes da árvore curam e alimentam. Nomeou em particular a árvore do palabre: o lugar vivo onde céu e terra se encontram, um espaço seguro onde os conflitos são resolvidos e os fios rompidos ou perdidos voltam a ser atados. E pediu a esses superiores maiores que cuidassem tanto das raízes quanto dos brotos.

Uma árvore não se torna abrigo por se esforçar mais. Torna-se abrigo por estar enraizada em algum lugar por tempo suficiente para que outras coisas possam viver à sua sombra. Mas uma árvore que oferece abrigo precisa ser forte o bastante para sustentar peso. Ninguém se senta debaixo de uma árvore que está morrendo.

Portanto, a pergunta honesta para uma comunidade atraída pela linguagem da presença não é sobre números nem sobre idade média. É sobre força de um tipo específico. Esta é uma comunidade à qual alguém poderia trazer um conflito sem que ele virasse arma? O luto aqui é metabolizado ou estocado? Uma verdade difícil pode ser dita nesta casa e sobreviver à semana?

Isso é trabalho interior, e eis o que importa a respeito: está inteiramente ao alcance de uma comunidade de onze membros com idade média de oitenta e quatro anos. Não está ao alcance de uma comunidade de onze que deixou de falar honestamente umas com as outras. A idade não desqualifica uma comunidade como lugar de abrigo. *A evitação, sim.*

O QUE SE ESTÁ PEDINDO AO NORTE QUE APRENDA

Uma irmã que permanece num campo de deslocados no Sahel (África) e uma irmã que permanece numa ala de enfermaria em Dubuque (Iowa) não estão fazendo a mesma coisa. O que está em jogo não é comparável, e não vou insultar nenhuma das duas fingindo que seja. Mas talvez estejam fazendo o mesmo tipo de coisa. Ambas estão com pessoas que não podem ir embora. Ambas abriram mão da ilusão de consertar. Ambas estão, na palavra do Dicastério, permanecendo — e o que essa permanência produz, quando é bem feita, é presença.

Durante quase toda a nossa história, o Norte enviava e o Sul recebia. A direção desse tráfego mudou, e não apenas em pessoal. Pede-se agora ao Norte que aprenda algo que as comunidades do Sul compreendem há muito mais tempo: como ser fiel sem estar no controle, como permanecer quando não se pode consertar, como ser Igreja num lugar onde já não se ditam as regras.

Comunidades religiosas sob ocupação, sob pobreza, sob perseguição vivem essa lição há gerações, enquanto nós construíamos instituições. A Ir. Teresa Maya formulou essa virada do modo mais econômico possível ao dizer que estamos aprendendo que somos suficientes para o Evangelho.

A congregação confortável não está fora da história global da vida religiosa. Está, enfim, dentro dela.

Outras tradições muitas vezes nomearam isso com mais franqueza do que a vida religiosa cristã. Thich Nhat Hanh ensinava que o presente mais precioso que podemos oferecer aos outros é a nossa presença — e que, quando a atenção plena abraça aqueles que amamos, eles desabrocham como flores. Ele não estava descrevendo um prêmio de consolação para quem ficou sem opções. Estava descrevendo a coisa em si.

Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando.

— Lucas 24,29

Os discípulos a caminho de Emaús tinham caminhado o dia inteiro ao lado de alguém que não reconheciam. O que pediram, ao fim, não foi uma explicação. Foi que ele ficasse. E é só depois que ele se senta à mesa com eles que o reconhecem. O coração deles ardia o caminho todo; caminhar, por si só, não bastara para lhes dizer isso. Alguma coisa acontece na permanência que não acontece na passagem — e a tradição tem uma palavra para isso.

PRÁTICAS DE PRESENÇA

A presença não é um plano estratégico, mas também não é sem forma. Algumas poucas coisas a tornam real em vez de retórica.

Nomeie o que você de fato deixou de fazer, e chore essa perda em vez de rebatizá-la. Boa parte do que passa por discernimento neste tempo é gestão de vocabulário — um ministério não é encerrado, é “reimaginado”; uma casa não é fechada, é “liberada”. A linguagem nos protege da perda e, ao nos proteger, impede que a perda um dia se complete.

Decida para que serve a sua presença, e para quem. Presença sem direção é só ocupação de espaço. A presença tem propósito. A quem, concretamente, num raio de vinte milhas ao seu redor, a sua comunidade está presente? Se a resposta honesta for “umas às outras”, diga isso — pode ser exatamente o certo para este tempo —, mas diga, para que seja uma decisão e não uma deriva.

Depois, trate a presença como a disciplina que ela é. Ela começa com a escolha de partilhar tempo, o que parece banal até você contar quão raramente essa escolha é de fato feita: feche a porta, desligue o telefone, fique o tempo que for preciso. Exige escutar como se fosse a primeira vez — o que, numa comunidade de cinquenta anos, significa desamarrar umas às outras das gavetas montadas há muito tempo, deixando que as pessoas sejam quem são agora, e não quem eram vinte e cinco anos atrás. A presença exige entrega, não capitulação. Exige que nos humilhemos e que afrouxemos a nossa obstinação, largando a necessidade de controle, de segurança, de um determinado resultado, de fazer boa figura — para que a graça tenha espaço para nascer na conversa.

Cuide da árvore do palabre. Pergunte para onde vai o conflito na sua comunidade. Se ele vai para a liderança, ou para o estacionamento, ou para lugar nenhum, então, seja lá o que mais vocês sejam, ainda não são um lugar onde os fios rompidos voltam a ser atados. Isso tem conserto. É lento, e tem conserto.

Por fim, cuide das raízes e dos brotos juntos, como pediu Brambilla. As raízes são a memória e o carisma, que não se preservam sozinhos. Os brotos são qualquer coisa nova, pequena, desajeitada e pouco impressionante que a sua comunidade esteja disposta a tentar este ano. Uma comunidade só com raízes é um monumento. Uma comunidade só com brotos não tem de onde tirar forças quando chega a estação seca.

A PERGUNTA QUE FICA

A vida religiosa passou muito tempo sendo conhecida pelo que construía. Agora, pode vir a ser conhecida por aqueles a quem se faz presente. Não é uma vocação menor, nem um prêmio de consolação entregue a comunidades que ficaram sem opções.

Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles.

— Mateus 18,20

Dois ou três. Não uma província. Não uma casa-mãe lotada. A promessa sempre esteve dimensionada para o número que a maioria de nossas comunidades hoje de fato é, o que sugere que o número nunca foi o problema.

Mas isso só valerá para comunidades fortes o bastante para que alguém possa sentar-se à sua sombra, e essa força não é questão de orçamento nem de idade média. É questão de saber se a verdade pode ser dita na sua casa, e se alguém ali fez o trabalho de aprender a estar presente a outro ser humano.

Então a pergunta que eu deixaria a um conselho ou a um Capítulo é esta. Se alguém em apuros de verdade viesse procurar abrigo, pensaria em nos procurar? E, se a resposta honesta for não, é porque ficamos poucos demais — *ou porque nos tornamos um lugar onde o que é difícil não pode ser dito?*

Para refletir

- *A quem, num raio de vinte milhas ao nosso redor, a nossa comunidade está presente? Isso é uma decisão ou uma deriva?*
- *A presença é uma habilidade que pode ser praticada ou negligenciada. Onde a deixamos ir embora por negligência benigna, e o que nos custaria retomá-la?*
- *Se alguém em apuros de verdade viesse procurar abrigo, pensaria em nos procurar?*

Mais reflexões virão nos próximos meses.

Ted Dunn, Ph.D.

Graced Crossroads

www.gracedcrossroads.com

Fontes e leituras complementares

Dicastério para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, [mensagem sobre a vida consagrada e a profecia da presença](#), 28 de janeiro de 2026.

Ted Dunn e Beth Lipsmeyer, [Transforming Communities Through CARE: A Conversational Approach to Relational Effectiveness](#) (Comprehensive Consulting Services, 2023), Capítulo VII: Presença, pp. 87–93.

Margaret J. Wheatley, [Turning to One Another: Simple Conversations to Restore Hope to the Future](#) (Berrett-Koehler).

Ir. Simona Brambilla, MC, Prefeita do Dicastério para os Institutos de Vida Consagrada, [mensagem de Ano-Novo à Conferência dos Superiores Maiores da África e de Madagascar \(COMSAM\)](#), janeiro de 2026. Veja também seu discurso “Vida Consagrada na África: Peregrinos da Esperança”, [26 de maio de 2025](#).

Thich Nhat Hanh, sobre a presença como o presente mais precioso que podemos oferecer — [citação](#).

Ir. Teresa Maya, CCVI, sobre reformular a narrativa dos números, [Global Sisters Report](#).

Ted Dunn, [The Inner Work of Transformation: A Guide for Personal Reflection and Communal Sharing](#). CCS Publications, 2021.

Lucas 24,13–35 e Mateus 18,20, New Revised Standard Version.